



O Gaiato

28 DE OUTUBRO DE 1972

ANO XXIX — N.º 747 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

NOTA DA QUINZENA

Não desta, nem da penúltima..., mas assunto que conserva actualidade.

Acontece que é no verão, terminada a Escola para alguns, com outros rumo aos Lares, outros incorporados na tropa, que nós dispomos das sempre poucas vagas em relação à torrente de Rapazes que precisam de uma Casa do Gaiato. Infelizmente, embora as condições económicas do Povo sejam hoje menos esganadas (não sei se real ou inflacionariamente) do que em passado ainda recente, a miséria moral que está na origem da necessidade de sermos, prolifera, perante o testemunho passivo de uma sociedade que se preocupa menos em prevenir do que em remediar, que ainda não deu mostras de entender que «é mais barato evitar crimes do que sustentar criminosos».

Como tenho pouco génio de arquivista, só guardo as notícias dos casos que me parecem dos nossos, em ordem a uma possibilidade de atendimento. Não posso, pois, contar, quantos nos foram propostos na roda do ano. Mas posso mostrar a quem quiser, uma grossa pasta, que reza dezenas e dezenas de histórias tristes, das quais só a um pequenino número poderemos tentar uma solução. Tarefa dolorosa esta de escolher as mais tristes, as mais difíceis..., deixando para nunca tantas outras semelhantes!

É no decurso desta tarefa que surge o factocausa desta Nota.

Já disse que todos os casos que não são típicos de abandono, de perigo moral, vão direitos ao cesto dos papéis. Os outros, quase sempre requerem mais alguma informação: pelo menos o certificado de normalidade mental e a declaração dos parentes que possam reclamar seus direitos

sobre os moços, de que no-los entregam e não interferirão na sua vida, sem nosso acordo, até que os demos por formados.

Ora, percorrendo a grossa pasta com dezenas e dezenas de casos, vamos encontrar uma grande maioria deles que não receberam mais nenhuma informação daquelas pessoas privadas, ou Entidades Assistenciais ou Judiciais, que nos apresentaram o problema — geralmente como «a maior desgraça que já se viu à face da Terra» — e que tão facilmente sossegam as suas entranhas com aquela apresentação, sem o menor esforço para resposta à nossa tão pequenina exigência.

É por isso que sucede com alguma frequência que casos de ontem passam à frente de outros que têm sobre si o pó de dois e três anos nos nossos arquivos. Destes, algumas vezes, as pessoas ou Entidades pseudo-interessadas voltam à carga e ficam admiradas por terem sido ultrapassados os seus pedidos, por outros muito mais recentes. Pois é!, nós não conservamos os lugares vazios à espera dos dorminhocos, tendo à vista gente acordada. «Andamos com quem anda», segundo a fórmula de Pai Américo — e não tencionamos mudar de proceder. E lançamos à conta dos apresentadores, a responsabilidade moral do não recebi-

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

Areias do Cavaco

A cidade cresce. É consolador vê-la crescer. Cresce em altura e estende-se por espaços, até há pouco desaproveitados. É um sinal de confiança no futuro, dizem. Acreditamos. Somos contra o provisorio, o precário, neste campo.

Não podemos aceitar, porém, a perspectiva em que se colocam as pessoas pensando que o futuro assenta sobre os grandes blocos de cimento armado. Nem ficamos tranquilos ao ver a cidade crescer assim. Será ilusão a pagar bem caro por quem assim pensa, julgando-se defendido dentro dos grandes blocos ou deles tirando o rendimento esperado.

Em nenhuma parte do mundo poderá ser este o critério para confiar no futuro. Cremos que nesta terra também não. E com razões maiores.

Que desejamos para nós e para os que vierem depois de nós? Um futuro onde reine a tranquilidade na ordem. Um futuro em paz. Este não se constrói sobre grandes massas de cimento. Mas sobre a massa humana. Este é o alicerce seguro. O futuro da nossa terra está assegurado, quando o bem-estar de todos o estiver também. E podemos de verdade confiar no futuro, mais na medida em que o desnível entre as várias camadas populacionais fôr diminuindo, do que no crescimento dos blocos de cimento armado.

A cidade cresce. É um regalo para os olhos. Onde antes havia palhotas, agora não há. Mas para onde foram os donos das palhotas? Lá para longe, bem longe da cidade do cimento. Aqui há os técnicos que não deixam construir de qualquer maneira. Está certo. Mas lá longe, para as bandas da Lixeira, quem vai ajudar aquela gente a

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Tribuna de Coimbra

Eram quase horas do almoço, chegou uma família dos arredores de Lisboa. Depois de uma volta por toda a Casa a sineta chamou para a sala de jantar. Convidámos a entrar. O nosso panelão e o tacho grande chegam sempre.

Hoje o correio trouxe esta carta: «Foram uns momentos muito agradáveis e acredite que ficámos presos à vossa Obra. Tudo nos sensibilizou. É uma tarefa dura, mas sentir-vos-eis muito felizes porque fazeis felizes muitos outros. Podereis contar connosco».

Nós também nos sentimos felizes quando nos encontramos com os nossos visitantes em clima fraterno. Apetece-nos sempre convidá-los a sentarem-se à nossa mesa.

Com a alegria dos visitantes alegra-nos a presença de todos aqueles que chegam por modos diferentes: pelo correio, pelo telefone, por carta, na rua, em casa, à porta das Igrejas, nos estabelecimentos, em facturas pagas.

O vale mensal de Vilar Formoso; a oferta anónima de Miranda; a contribuição mensal do Luso, de Coimbra, de Almalaguês; várias presenças de pessoas que não puderam ir às nossas Festas; trezentos em vale; as cartas de C. A.; cem de casal que foi ao nosso Lar; cem, mais cem, mais cem, mais cem, mais cinquenta, mais vinte numa reunião espiritual; os recados do Entroncamento; seiscentos em vale.

O produto de abate de dois porcos de visinho; um tractor de milho de senhora visinha; todas as cartas e embrulhos e recados que ficam na Casa do Castelo; 420\$ de família conterrânea que me deu almoço; os votos das amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; 120\$ mensais a um vendedor; os vales mensais e a oferta pela Mãe Ana, da Covilhã; cem da Figueira; quarenta de uma avó; 50+50 da Nazaré; uma migalha de 25\$; trezentos de visitantes de Chão de Couce. O comboio daquela tarde devia vir com muito respeito, se soubesse o tesouro que trazia. Vinham duas alunas do Liceu D. Maria, de Coimbra, trazer uma fritadeira pequena e quatro contos para ajudar a comprar a grande que nos haviam prometido. Fui buscá-las e levá-las à estação. Pegaram nos mais pequeninos ao colo e beijaram-nos. Prontificaram-se a vir passar as férias connosco. Partiram com a pena que trouxeram por não conseguirem comprar a fritadeira grande, pois viram que a pequena não satisfaz. Nós somos uma cadeia que prende por amor.

Quinhentos dum dos nossos militares; trezentos de Senhora de muitas datas; amigos que nos apareceram na Praia de Mira; dois mil de pessoa humilde, à porta de Santa Cruz; ofertas em

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA



Sou ou não sou mesmo gaiato?

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

CASAMENTO — O António Francisco, antigo «Enguiço», veio de Nacala — Moçambique, à Metrópole, a pedido e imposição da noiva, que de modo algum desejava casar por procreação. Veio. O seu gosto era, então, casar na Casa do Gaiato; ela não partilhava a sua opinião. Não casariam cá se não fora terem vindo uma semana antes para que ela conhecesse onde havia sido criado e educado o que iria ser seu esposo. Vieram. Ela gostou imenso. E, no regresso, confessou a seu noivo que partilhava já da sua vontade em contrair matrimónio nesta Casa. Foi combinado ser no Domingo seguinte. O dia estava bonito, entre nuvens de algodão e um fundo de azul celeste, brilhava o sol que havia dias se não via. Eram onze horas quando o cortejo partiu para a Capela. Os noivos iam felizes; felizes íamos também todos nós. Eram poucos os convidados. Nós não o éramos — porque somos irmãos. Na Capela celebraram-se dois mistérios: a união de Cristo a todos nós e a união de dois num único. Depois do banquete espiritual veio o banquete corporal. A mesa era farta, o ambiente era familiar e alegre. A alegria que todos sentíamos era indescritível. Indescritível, também, a alegria e felicidade dos noivos, principalmente dela, à partida. Todos lhes desejámos felicidades e que em Nacala, onde o António Francisco é enfermeiro, dêem testemunho de bem.

VINDIMA — Já fizemos a vindima cá em Casa. Este ano não teve o sabor dos outros anos porque, devido à instabilidade do tempo, não fomos todos para a vinha, mas só um pequeno grupo. Tivemos mais uvas de mesa e mais vinho que o ano passado. Mas, ainda assim, não foi muito. Enchemos quatro pipas de vinho tinto, cerca de 1.600 litros e três pipas de vinho branco, que há-de servir à Missa, durante um ou dois anos. Que o Senhor o aumente para o ano.

«Lita»

CALVÁRIO

PEDIDOS — Sabemos quão difícil se torna, para quem tem necessidade de os fazer, ser atendido. Isto porque tudo serve para chamar a atenção. Francamente, para mim não é uma modalidade muito agradável. Especialmente por saber que rara é a edição do nosso jornal em que deles não apareçam. Mas os amigos sabem que quem não pede... Ora, apesar de tantas variedades deles, eu creio que ainda estará na mente daqueles que seguem atentamente a leitura das linhas do porta-voz da Obra da Rua, dum pedido que foi aqui formulado. Recordam-se, não é verdade?! Decerto que sim. E muitos



dos nossos amigos tiveram eco noutro eficaz meio de informação. E tão eficaz se tornou que uma parte das nossas pretensões foram satisfeitas. Pois nem mais nem menos do que aquele assunto do desejo de termos instrumentos musicais para melhor passarmos os tempos livres. Gostariamos de possuir um acordeão, viola, etc. Violas já temos! Não me digam que deixarão de satisfazer o recto do nosso pedido... Pois há aqui quem deseja um acordeão — apesar de saber o sacrifício que pede aos amigos. Cremos que não iremos ficar mal. Não é assim, amigos, que não sabem dizer não a quem procura saborear alegria em momentos de repouso?!

Amigo: se tem algum acordeão, ou desejar satisfazer o nosso pedido, aqui tens a direcção, para que possa dar largas, mais uma vez, à sua generosidade: *Calvário — Beira-Paredes (Douro)*. E, agora, resta dizer que a viola já faz sonhar quem procura a todo o transe tirar dela melodias apropriadas. Isto quer dizer que ainda não temos artista. Mas a força de vontade irá dar os seus frutos. Esperamos mais instrumentos para um melhor bem-estar no salão de recreio. Quanto mais motivos de alegria houver, tanto melhor...

Aguardamos, confiados, a concretização dos nossos desejos e aspirações.

Manuel Simões

Paço de Sousa

ELEIÇÕES — Em 29 de Setembro houve eleições para Chefe maior. Antes do sufrágio, Sr. Padre Carlos celebrou Missa em nossa Capela, onde pedimos ao Senhor para nos ajudar na escolha do rapaz com mais capacidade para chefia da Comunidade.

Após a Missa, dirigimo-nos todos para o salão de festas, onde realizámos o acto eleitoral.

Havia quatro candidatos: «Quim do Porto», «Zip», Anibal e «Tomate». Rapazes já com responsabilidades em nossa Aldeia.

Este ano — e muito bem — toda a Comunidade presenciou o escrutínio. Mas só votaram os diplomados com a 4.ª classe. E, dos iletrados, quantos tivessem mais de 15 anos.

A primeira volta terminou sem maioria absoluta. Houve que efectuar um segundo escrutínio — o definitivo, por maioria simples — cuja votação ficou assim ordenada:

Anibal	34	votos
— Chefe maior		
«Quim do Porto»	33	»
— Sub-chefe maior		
«Tomate»	2	»
«Zip»	1	»

Houve 10 abstenções injustificadas!

Enfim, uma «luta» renhida! Venceu a maioria — só por um voto. Aceitemos o voto da maioria.

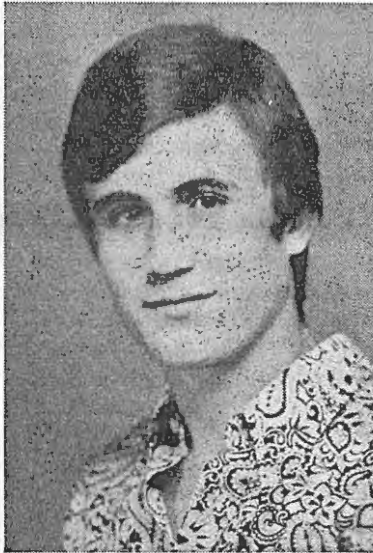
O Sr. Padre Carlos encerrou a sessão com a leitura de alguns pontos fundamentais das «Normas de Vida» da Obra da Rua, alusivos ao acto eleitoral.

Regressámos, depois, muito contentes a nossas casas. O dia seguinte era dia de trabalho...

Desejamos ao novo Chefe as maiores felicidades. Que o Senhor o ilumine

na dura, difícil e espinhosa tarefa, que é a chefia da Comunidade.

E não desejo terminar sem expressar ao Chefe cessante — António



O Anibal — Chefe eleito, de Paço de Sousa.

Oliveira — quanto admirámos o tempo de sacrifício que suportou — com



O «Quim do Porto» — Sub-chefe.

um sorriso nos lábios — durante o cargo.

VINDIMA — Comerou. E todos participam na tarefa. Mais para comer do que para vindimar... Não é verdade?!

A primeira uva a ser colhida foi a chamada «americana»; seguidamente, o tinto e o branco «português».

Serafim já preveniu — e fez muito bem! — que não queria ninguém lá para os campos, se não... Ai, ai! Muitos aproveitam a vindima para «vindimar»...

FUTEBOL — No dia 30 de Setembro recebemos a visita de um grupo, que vencemos por 5 — 3. Estivemos a perder...! Mas vencemos. É o que interessa.

Se mais grupos continuarem interessados numa visita futebolística, esperamo-los com prazer. Bas a avisar-nos com tempo, para marcarmos o nosso calendário.

«Faisca»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

CONTAS — Tivemos, desde sempre, o cuidado de revelar aos nossos leitores um balanço sintético dos valores movimentados pela nossa

Conferência. Não queremos, este ano, omitir a nossa obrigação — que o é — para com os leitores de «O Gaiato» — bons colaboradores, que são, da nossa actividade vicentina.

O relatório de vicentinos e vicentinas — que olham pelos Pobres em Paço de Sousa — indica ter-se distribuído em auxílios domiciliários, na doença, na habitação, etc. — durante 1971 — 51.491\$80, para os quais recebemos, dos leitores do «Famoso», 14.036\$00.

Apesar de nem sempre fornecerem uma ideia precisa de uma Obra de voluntários (que não de funcionários...) frizamos na pequena e singela folha distribuída pelos Subscritores mensais, os números são motivação suficiente para quem não for letra morta a fraterna ajuda cristã — orientada à promoção moral e social dos Pobres. Ao que Pai Américo acrescentaria, com ênfase, o seu Eis.

Mais ainda: No balanço do último quinquénio — de 1967 a 1971 — registámos, por intermédio dos nossos leitores, do Minho a Moçambique, perto de 60.000\$00, ou seja, 57.587\$00.

Aqui fica, para que todos saibam. E dêem graças a Deus.

DONATIVOS — Aqui vão eles. Não importa a quantia. Se muito, se pouco. Trazem, sempre, um bocadinho da alma e do coração de cada um. Não há dúvida, alguns dos humildes que por aqui passam chegam a mandar donativos com sacrifício!

Abre a assinante 17022, de Portageira, que é duma perseverança a toda a prova. A seguir, uma velha amiga de Bragança, com 20\$00. Sacrificados. E mais 50\$00 de Freixieiro, que ficam para a Conferência pela ocasião do Natal. Adiantado! Assim, sim. Agora, atenção:

«Para os meus irmãos da Conferência, com toda a fraternidade, 500\$00 duma Assinante do Seixal».

Mais uma bolada com o selo da Fraternidade Cristã! Que Deus a ajude, estinada assinante.

Vem lá o Porto, pela mão da assinante 28053, com 25\$00. E outra vez a Invicta com 100\$00, de Júlia. Por fim, mais uma bolada de 500\$00 de um bom amigo da Beira — Moçambique.

Para todos um muito obrigado dos nossos Pobres.

Os donativos deverão ser enviados para Conferência Vicentina de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

TOJAL

OBRAS — Parte do pessoal das obras tem andado a levantar o muro divisorio da quinta, derrubado pelas cheias de 1969.

Entretanto, o trabalho nas camaratas continua. Tudo está em andamento e o telhado quase pronto. É preciso evitar a invernia. Devagar se vai ao longe...

CAMPO — Este ano, em contrário aos demais, não tivemos nenhum mel. Isto motivado pela grande reprodução das abelhas. Esperamos que para o ano que vem, as novas col-

meias estejam dispostas a trabalhar e nos contemplem com uma grande porção do suco tão delicioso.

As laranjeiras apresentam grande quantidade de frutos; o mesmo não acontece com as tangerineiras. Teremos que nos contentar com os primeiros citrinos. Há ainda outra espécie de fruto, por sinal até muito afamado — os diospiros. Pena é que haja apenas uma árvore! Embora tudo isto aconteça, a fruta não nos faltará e não nos tem faltado, graças a Deus.

SELOS — A campanha pouco tem rendido! Admito que existam bastantes coleccionadores, mas com certeza não arrecadam tudo; espero que comece a sobrar um bocadinho para nós.

E a campanha continua...

SAPATOS — O pedido da penúltima quinzena, nas colunas de «O Gaiato», não teve grande atenção! As medidas são as mesmas, mas para aqueles que ainda não estão a par deste problema, eis-las de novo: dos 32 aos 36.

Antecipadamente os nossos agradecimentos.

TROPAS — O serviço militar é uma das facetas da vida a que poucos jovens estão livres de se sujeitarem. Por conseguinte, também lá temos os nossos. Não vale a pena nomeá-los outra vez; ainda são os mesmos que lá estão. Cinco, ao todo, assim distribuídos: 1 na Metrópole, 1 em Macau e 3 em Moçambique. Nunca os esquecemos em nossas orações, bem como aqueles que também por lá andam e que foram daqui.

FUTEBOL — Foi para nós grande dor, quando, marcado um desafio de futebol entre a nossa equipa e a duns visitantes, estes não compareceram. Após cerca de 3 meses sem actividade este desafio vinha mesmo a calhar. Vá lá amigos! Nada de receio. Nós jogávamos pouco e agora ainda pior.

TIPOGRAFIA — Já chegaram duas potentes máquinas para a nova oficina.

Tudo leva a crer que, depois destas máquinas montadas, o trabalho será mais perfeito e rápido. Até lá continuamos na oficina «velha», que também não é má.

Jorge

Venda do jornal no Norte

Mais uma vez estou com boa disposição para escrever para o simpático «Famoso»!

Vou falar da venda desta quinzena. Correu muito bem. E subiu muito em acréscimos e jornais. Acréscimos são o dinheiro que os senhores nos dão além do preço do jornal.

Sr. P.e Carlos ficou contente com os vendedores. Por isso, como pré-



A última nota de presenças, saída a lume, data de Juiho. De então para cá, foi o caudal certinho que, se não vês aqui, leitor, fica com a certeza de que chegou.

Para começar, uma carta de Cascais que, se não fora tão extensa, seria dada à estampa. É duma senhora, mãe de filhos, que ao vender uma casa, dividiu o produto em partes iguais, cedendo-nos sua parte. Foram 30 contos! Como apreciamos sua oferta e suas palavras! Que Deus não lhe falte nunca, são os nossos votos.

Do pessoal telefonista e de escritório do tráfico de T. L. P., da Rua da Picaria, 3.550\$ e a muita amizade que por nós nutre. Mais de Águeda, «obra de Deus para os Pobres», várias remessas. Dr. José Maria Zoio, com 150\$. A ass. 25410, informamos que sim. Mensalmente recebemos seu vale. Amiga do Henrique, com 63\$50. Do «Bem-Fazer de S. Nicolau», 100\$. De Aveiro, 50\$. Ass.

nio, deixou-nos passar uma semana em nossa casa de Azurara. No primeiro dia o Sr. Padre Carlos teve muita honra de nos preparar um bom arrozinho com bacalhau.

Vão sair alguns vendedores. São o «Manteigas», o Raúl e o «Faisca».

O sucessor do «Manteigas» é o nosso amigo «Rouxinol», rapaz muito simpático, como já conhecem. Do Raúl é o «Toupeira», também engracado e vende bem. O «Faisca» ainda não se sabe se sairá, porque vão entrar mais uns poucos. Desta vez entrou o «Salazar». É também muito simpático e vende bem.

O «Timpanas» não pôde vender o jornal porque teve que fazer uma operação ao apêndice. Aqui têm os seus fregueses do Porto e de Braga o motivo da sua ausência, porque é muito querido por todos eles.

Quería que toda a gente comprasse. «O Gaiato». Há muitas pessoas que desconhecem ainda o nosso jornal!

Acabámos a passagem do livro «Isto é a Casa do Gaiato». No Porto venderam-se muitos. Mas ainda queria que comprassem mais...

Não tardará a sair a reedição do livro «Viagens». Então é que vai ser!

Agora um breve resumo da nossa actividade pelas principais cidades e vilas do Norte do País:

Aveiro — Segue para lá o cronista «Eusébio», com 300 jornais. Vai começar a sair daqui às sextas-feiras, porque os senhores da Fábrica de Cacia encontram-se de folga aos sábados.

Viana do Castelo — É a zona do Maurício. Leva 100 jornais e vende razoavelmente.

Póvoa de Varzim — Aqui manda o «Salazar», sucessor do «Melão». Leva 200 jornais. E tem cartaz na Vila.

Espinho — Celso e «Faisca» com 150 cada. No Verão, cada um deles termina a venda mais cedo do que o costume. Há muita gente na praia...

Guimarães — O «Pilo», com 100 jornais, é o nosso representante na terra de D. Afonso Henriques.

Braga — Para Braga vai o «Timpanas», como já dissemos, com 200 jornais. O «Portimão» substituiu-o desta vez. Boas melhoras «Timpanas».

É tudo, por hoje, meus caríssimos leitores.

Jorge Alvor

Do que nós necessitamos

23755, com 100\$. Roupas e dinheiro, de Valbom. Mais duas vezes 40\$, de «Mãe que crê em Deus». Mais dois cheques de 50\$ cada, por alma de Manuel Rosa com 100\$. Ass. de Faro, lembrando com saudade, Maria Isabel, 235\$50. De alguém que recebeu uma justa indemnização e achou mais justo ainda, reparti-la, 3.000\$.

Do Aviário de Santa Cita, mais pintos. Por várias vezes, a gerência deste aviário nos tem honrado com suas ofertas. Em memória de Amadeu Gomes, 20\$. Por alma de Marina, 500\$. Discos de S. João da Madeira. De Melres, «promessas de duas irmãs», 40\$. De Elvas, as primas do nosso Alfredo, casado há pouco, em acção de graças por ele se ter feito um homem, 200\$. «Envio 1.000\$, do aumento do ordenado de meu marido. De uma esposa, mãe e avó, muito feliz e muito vossa amiga».

Do Espelho da Moda, a porta sempre aberta à Casa do Gaiato, 400\$, esquecidos há dois meses. Mais 20\$ de Gaia. De Rio Tinto, 280\$. S. Mamede de Infesta, com 100\$. De M. A. F. Z., 100\$. Do padrinho do Eusébio, 400\$ mensais. Anónima das Antas, 100\$. «Uma Mãe», com 100\$. E de Oliveira de Azemeis, 100\$. Mais 30\$ mensais, de Moscavide. 1.000\$ de Lourenço Marques. Letra conhecida de assinante de Rio Tinto, com os 100\$ de todos os meses. 200\$ de Viseu. Anónima com 1.000\$00, dum aumento que teve por passar à categoria imediata. E da Amadora, os 100\$ mensais, vindos sempre em selos de correio.

De Clara Flores e José Flores, 55\$, 60\$ e 60\$. Por alma de Camila de Jesus Garcia, 500\$, vindos da Amadora.

AINDA NÃO LEU OBRAS DE PAI AMÉRICO?

Entre os 12 títulos da nossa Editorial, podemos enviar, imediatamente, os seguintes:

- PÃO DOS POBRES (2.º e 3.º volume)
- OBRA DA RUA
- ISTO É A CASA DO GAIATO (1.º e 2.º volume)
- OVO DE COLOMBO
- A PORTA ABERTA

NO PRELO: O livro «Viagens» — 2.ª edição, reordenada e aumentada.

Pedidos à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA.

Da «Cruzada de Bem-Fazer da Boavista», 337\$10. Pelo bom êxito duma viagem, 220\$. Ass. 11366, de Espinho, com 1.500\$. D. Martins, com 50\$. Da Foz do Douro, 100\$. Mais 10 marcos, vindos de Amarante. Excursão de S. Martinho do Vale, deixou 680\$. Avó de Moscavide com 100\$. De Viana do Castelo, 40\$. Roupas de Gaia, Nazaré e Cacia. Um projector estereoscópico, de S. João do Estoril. E a visita de todos os anos, do Pessoal da Fábrica de Malhas Marão, com 2.510\$50.

E do Pároco de Espinho, um vale de 1.100\$, que duas paroquianas entregaram, para obras necessitadas. Mais 400\$, duma menina estudante, que nos chegaram por intermédio

da Tabacaria Lusa, 1.000\$ do Porto, das Missões. Por duas vezes 100\$, também do Porto, «em memória de alguém que muito amei». Entroncamento com 50\$. De Elisabeth, 50\$. Avintes com 20\$. Para fatos de banho, 500\$. Mais cheque de 5.000\$, dum engenheiro de Lisboa.

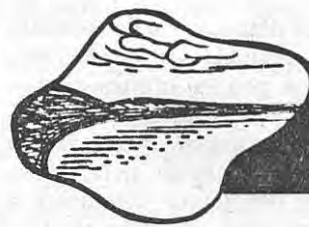
Os 50\$ silenciosos de Cebo-lais de Cima. Em homenagem a Pai Américo, 500\$ de Lisboa. E 50\$ da Calçada da Estrela. 400\$ de Gaia. Do Grupo Excursionista «Os Amigos de S. Braz», 50\$. Duma estudante de Lisboa, 20\$. Maria Luisa, de Viseu, com 200\$. Vestuário de «uma Mãe alentejana». Duas encomendas com roupa, de Lisboa. Roupinhas de bebé, de Rio Tinto. 200\$ do Porto. Ass.

23649, com um vale de 800\$, «parte de um pequeno prémio do Totobola». António, nunca falta, e cá vai com as habituais presenças.

1.200\$ de promessa, de Fânzeres. 100\$ de Oeiras. Quantia igual, do Porto. 90\$ de Tomar. Mais 150\$, já habituais. Roupas de Ilhavo. Dum primeiro ordenado, 150\$. Daquela humilde mulher, que todos os anos no S. João, nos visita, 814\$50. Dum operário, de Gaia, 50\$. De Sanza Pombo, 500 angolarés. «Uma Maria» de Lisboa, com 500\$. Maria Angelina, com migalhinhas de 20\$. Mais dos Amigos do Bairro da Pastelaria, 300\$. «Uma espanhola» do Porto, com 500\$. Por alma de Eduardo José Brito Martins Lagoa da Fonseca, 250\$. E aqueles que se lembram de nós em acção de graças pelos bons resultados de seus exames!

«Em memória de nossos filhos», 100\$. Da Rua Barros Lima, 250\$. Mais 100\$ de Lisboa. De Kiel, Alemanha, 10 marcos, enviados por senhora amiga, que a cada passo se lembra de nós. E ainda da Amadora, 25\$ em selos.

Manuel Pinto



SETUBAL

Agora que temos as oficinas de Carpintaria e Marcenaria a funcionar em pleno, pedimos a atenção de todos quantos nos lêem para os mais diversos trabalhos que porventura tenham necessidade de mandar executar. Em conversas várias e porque ultimamente tenho vivido muito de perto a progressiva melhoria dessa oficina, bem como das restantes (Serralharia e Tipografia), sei que tudo se apresta para receber em série todos e quaisquer trabalhos de restauro em móveis velhos e antiquados. Portanto, se tendes trabalhos de restauro em móveis que ficaram para um canto, devido ao adiantado da idade e de conservação dos mesmos, não hesiteis. Mandem-nos-os porque estas oficinas são em primeiríssimo plano, escolas onde o Rapaz, concluídos seus estudos primários, vai aprender os diversos ofícios que o habilitam futuramente a ser válido a si próprio e à sociedade de que faz parte. Há uma necessidade premente de os mesmos terem tarefas a executar que, pela sua minúcia e concentração, exigem deles esforço e interesse por aprender. E triste é a gente verificar que muitos dos que vêm até nós, são movidos por sentimentos de piedade e comiseração, unicamente com o fito de ser tudo para ajudar os «rapazitos» da Casa do Gaiato. Ou ainda à mira de levarem de nós os trabalhos concluídos por um preço inferior ao que pagariam em qualquer outra oficina. Não quero atirar pedras a ninguém, nem tampouco acusar com o dedo espetado!... Mas alguns de vós, que nos lêem, sabeis que muitas vezes assim é.

Torna-se necessário, pois, que compreendam que temos possibilidades de executar trabalhos da mais variada espécie com perfeição, senão total, pelo menos a deixar satisfeitos os utentes. Não queremos também competir com ninguém. Aliás, no que se refere a eficiência, não nos podemos colocar ao lado duma oficina qualquer que trabalha com operários especializados, alguns deles com longa prática do ofício. A eficiência é, pois, menor. Mas a perfeição (essa é que verdadeiramente interessa!) pode andar em planos paralelos com elas ou mesmo superá-las.

Queremos também referir algo sobre os preços que estabelecemos sobre os trabalhos. Temos tentado sermos sempre o mais honestos possível e actuar com todo o conhecimento de causa. Temos perdido poucos orçamentos e isso é bem um sintoma de que os amigos não se sentem insatisfeitos connosco. Temos perdido também muitas horas a organizar tabelas de preços, dentro da máxima precisão que nos é possível, a fim de podermos avaliar com exactidão o custo da matéria prima que utilizamos nos referidos trabalhos. Quanto aos preços incidentes sobre a mão de obra eles são consoante a capacidade de trabalho e rendimento dos executantes.

Serve, portanto, este pequeno apontamento para vos dar uma ideia de que tudo tentamos para não nos afastarmos daquele cariz de humildade, discernimento e consciência que sempre nos tem caracterizado. Amaldiçoada a hora em que saíamos deste caminho!

Começarão aí a ruir os fundamentos mais elementares em que se apoia toda a Obra de que as colunas deste quinzenário são porta-vozes!...

Rogério

Nota da quinzena

Cont. da PRIMEIRA página

mento de Rapazes, que estavam a ficar um nadinha velhos na altura em que nos foram propostos e são velhíssimos para nós, no momento em que voltam a aparecer.

Vamos pois a ser mais eficazes, Senhores Párcos e Senhoras Religiosas e Senhoras Assistentes Sociais e Senhoras Juizes. Quando se estuda um caso de uma criança abandonada e em perigo moral, levem-se as diligências até ao fim. E bem basta, para desgraça de todos nós, que, mesmo assim, todos sejamos insuficientes para a grandeza dos males sociais, que são tamanhos também por culpa de todos nós!



Homens da Igreja

Foi com muito respeito, amor e saudade que velámos e acompanhámos ao cemitério os restos mortais do Sr. Arcebispo D. Ernesto, que foi muitos anos nosso Bispo de Coimbra. Foi um Homem ao serviço de Deus e dos homens.

Nestes 24 anos Sr. D. Ernesto revelou um carinho especial pela Obra da Rua. Algum tempo foi o Bispo dos três padres ao serviço da Obra. Dos que estão hoje, dois foram ordenados e dados por ele.

Diante do seu corpo sem vida, recordei algumas das suas presenças.

Recordei a manhã de Setembro de há 22 anos quando Sr. Arcebispo me chamou e disse que Pai Américo me havia pedido para a Obra e que a minha entrega lhe daria muita alegria. Respondi-lhe que sim e recebi o seu sorriso e a sua benção.

Recordei a benção da nossa casa-mãe e aquele dia todo passado connosco.

Recordei o último encontro, na terra, de Pai Américo com o Sr. D. Ernesto no próprio dia do desastre, encontro de duas horas em que Pai Américo segredou ao seu Bispo as aflições que o andavam a consumir.

Recordei a sua presença e seu estímulo tão amigo nas horas dolorosas que se seguiram à morte de Pai Américo.

Recordei a tarde de há 15 anos quando, no fim de benzer as nossas oficinas, Sr. D. Ernesto falando aos Rapazes no exemplo da Sagrada Família, cujo quadro acabara de benzer, lhes disse que a Obra tinha necessidade de mais pais de família, para haver mais famílias como a de Nazaré — e naquele momento deu-nos Pe. Acílio.

Recordei uma conversa muito familiar e paternal em que Sr. Arcebispo, sabendo que estes meus filhos viviam uns em Miranda do Corvo e outros em Coimbra, me perguntou quem olhava por eles na minha ausência e logo rematou: — «É para que os anjos deles também tenham que fazer».

Recordei a sua presença em Miranda do Corvo e em Paço de Sousa na celebração das nossas Bodas de Prata.

Recordei aquele dia em que lhe pedi terreno para a construção do Lar de Coimbra e a sua resposta foi pronta e generosa.

A sua vida foi uma vivência no amor de Cristo.

O seu funeral foi a canonização das suas virtudes.

Que Deus o tenha em Paz. E que ele interceda por nós.

Padre Horácio

Areias do Cavaco

Continuação da PRIMEIRA pág.

construir casinhas para viver? Quem? Ali também é cidade. Ali também deviam ir os técnicos camarários ao serviço daquela pobre gente. Pôr o terreno à disposição, é um passo. Ajudar nos outros é também obrigação, não vá suceder que em vez de casas tenhamos um amontoado de barracas, mais ou menos alinhadas, embora de tijolo ou adobes. Assim não. Assim há progresso aparente. O homem não progride. E quando entra na cidade do asfalto e dos prédios a crescer, revolta-se interiormente contra o abandono a que o votaram. Não esqueçamos que estes são maioria esmagadora. Com o deles construir-se-á o futuro de todos os outros.

x x x

Obras da nossa Aldeia — Continuamos a caminhar. E vamos confiantes. Donde escrevemos estas notas, ouvimos o barulho dos martelos dos pedreiros e serrotes dos carpinteiros. Nas-

cem as paredes e o cimbre das fundações do nosso Centro Recreativo e Cultural. Nele ficará concentrada a actividade recreativa e cultural: salão com palco; sala de leitura e biblioteca, onde as horas de ócio serão aproveitadas de um modo útil e agradável. Estão dados os primeiros passos. Muitos amigos nos acompanham. Vem este com um cheque de 3.500\$00 «com amor a pôr o meu humilde óbulo que vai da minha pobreza para a vossa riqueza». Mais 500\$, de de uma irmã em Cristo. Da Catumbela, pelas mãos do Paulo, 150\$00, 250\$ e mais uma nota de 1.000\$, de empresa amiga da Catumbela no dia da nossa Festa. Do Lobito, 100\$ «para os meus irmãos do Cavaco»; e miçgalhas recolhidas entre os funcionários de uma Agência de Viagens, todos os meses, para o nosso pão. Uma mãe oferece roupas lembrando seu filho doente. Outra vez o Lobito agradecido pelo nosso espectáculo no Inverno, com 150\$. E uma mãe agradecida pelo bom êxito dos exames do seu filho vem com 350\$00. «Para o leite dos Gaivotos — 800\$00 — diferença no ordenado por ter sido promovido».

A todos o nosso bem haja.

Padre Manuel António

Cantinho dos Rapazes

Eu julgava — e julgo — que o costume de poupar está passando de moda, já que — e muito certo! — a segurança social finalmente chegou e vai começando a cobrir, para todos, os riscos da perda de saúde e da velhice. Mas vejo nas ruas cartazes anunciando o Dia Mundial da Poupança e constato que, talvez segundo outra perspectiva, se reconhece a necessidade de poupar e se procura re-mentalizar os Povos nesse sentido.

Ora, no campo da segurança social, nem os usos estrangeiros valerão para nós, quantitativamente, ainda por largos anos; nem nunca esta segurança deve ser para ninguém estímulo do «quanto tenho, quanto gasto».

Sempre o acto de poupar será uma virtude. Creio até que deverá ser uma necessidade: se não para ter mais, para repartir mais e melhor. Julgo mesmo ser esta a nova perspectiva de que falo acima: Poupar para investir, para produzir mais em proveito universal, quer nos limites das Nações, quer nos confins da Terra, onde 2/3 da população ainda subvive em níveis que os Povos ditos civilizados não aceitam como sofríveis — e não são.

Mas o poupar oferece-se aos homens como valor, até no domínio psicológico. Infeliz o que não tem de lutar pela posse do que deseja; de renunciar a isto por amor daquilo; de trocar, muito ao sabor do Evangelho, as pérolas que possuía por aquela cuja descoberta o empolgou e decidiu possuir. Sim, infeliz o homem que sonha e pode realizar imediatamente o seu sonho! Nisto têm os Pobres soberana vantagem sobre os ricos. Por isso, que as estruturas sociais assegurem o essencial na doença e na velhice — é uma grande condição de tranquilidade, uma saudável libertação de ansiedades que eram a regra de tantas vidas. (Lembro — estava eu aqui nos meus primeiros anos — um pedreiro velhote que anunciava a sua condição futura: — «Enquanto puder, vai-se picando a pedra. Depois.., de sobre o ombro... pelas portas...». E era!) Mas o supérfluo, aquele justo supérfluo, necessidade do homem que nem só de pão vive — esse há-de ser adquirido pelo esforço de cada um. E quanto mais, mais saboroso será.

Depois, a vida pede progresso. Para aquele que vive somente do seu trabalho, em todos os momentos tudo será caro (Foi queixa que sempre ouvi, desde que me conheço). Como realizar o progresso se não pouco a pouco, à custa de ninharias que hoje se evitariam, para amanhã poder realizar-se algo de substancial?!

Há uma tentação para o progresso: a do crédito. Mas como será possível o crédito para uns, se não fôra a poupança de outros? Por isso, quem assim progride, paga bom preço ao credor. E, excluindo os casos de usura, até parece razoável que assim seja. Melhor é a situação de quem poupar para comprar, do que quem já tem gasto o bem quando acabou de o pagar. Ver-

dadeiramente nunca lhe chegou a achar o gosto de coisa sua.

Ora, meus Rapazes, não é a poupança uma das virtudes mais generalizadas entre nós. A poupança exercitada agora em coisas pequeninas, para ser amanhã cultivada em outras maiores.

Longe da avareza ou da demasiada prisão aos bens, um gosto equilibrado do pecúlio, não como fim, mas como meio para um melhor padrão de vida ou para algum regalo extraordinário que seja verdadeiramente construtivo do homem — isso é salutar.

Com que tristeza já tenho contemplado em lares de Rapazes nossos uma chocante penúria, porque se dissipa em futilidades ou vaidades o que havia de ser convertido em património, em valores estáveis, que hoje e amanhã e por

muito tempo estariam ao serviço de bem-estar da família! Por exemplo, a tentação do automóvel, antes da casa própria ou do recheio conveniente da que se pode ter de aluguer.

Ao contrário, com que alegria entro em outros lares, onde de cada vez se encontra uma novidade que o enriquece e o torna mais acolhedor; onde tem lugar uma conversa feliz sobre projectos futuros, que se vão concretizando mercê do sacrifício de muitas fantasias que hoje seriam e amanhã se teriam evolido!

Por mim — fical sabendo — quando algum pai ou mãe me pergunta de um de vós, como de possível genro, esta virtude de poupar nunca é silenciada no balanço das vossas qualidades, como alicerce indispensável ao equilíbrio do vosso futuro lar.



Aqui, LISBOA!

Nem sempre, como aqui já temos dito, as Instituições de Assistência não oficiais, recebem a atenção e o amparo desejáveis, atendendo à sua natureza e fins e uma vez que são, na sua maior parte, consideradas como de utilidade pública. Muitas palavras se gastam e, não raro, promessas se fazem, mas, quando se chega à hora do concreto, quase tudo fica em «águas de bacalhau». Valham-nos, ao menos, aqueles Homens raros que, conscientes da sua missão, sabem estar atentos e tudo fazem por saltar as barreiras da burocracia e interpretar as leis mais pelo lado do espírito do que pelo da letra, certos de que elas são para o Homem e não o Homem para as leis e que estas se devem articular sempre que necessário.

Gastam-se rios de dinheiro e energias sem conta em futilidades, como em comezainas, festas e reuniões sem significado, para o que há sempre verba, enquanto se deixam no oído as necessidades mais prementes daqueles que vivem em precárias circunstâncias, ou dos órgãos em luta acesa contra

as injustiças ou a miséria que nos rodeiam. Procuram-se antes obras de fachada ou manifestações de auto-publicidade, que essas, sim, têm sempre prioridade... e dinheiro.

Descendo ao campo das realidades, achamos, por exemplo, que seria perfeitamente razoável que as Instituições fossem isentas do pagamento de água e luz, dada a sua função social, de interesse público evidente. Não era favor nenhum, pois não se compreende que para formar e educar Rapazes, abandonados ou sem família, ou lavar-lhes a cara e o resto, se tenha de pagar a energia eléctrica e a água... O mesmo se pode dizer também da taxa de esgotos que somos compelidos a entregar à Câmara de Lisboa, quando, paradoxalmente, a nossa missão é precisamente retirar dos «esgotos» aqueles que a sociedade tantas vezes para lá deita... Não é com palavras bonitas que os problemas se resolvem ou se facilita o trabalho dos que estão desinteressadamente, como poucos, ao serviço da grei.

Padre Luiz

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Santa Cruz; 350\$ dum grupo de antigos universitários; 100 + 100 + 500 dum dos nossos que vive em França e veio com dois companheiros; 230 + 540 de visitantes das Alhadadas; oferta dos pais pelo jovem filho único que Deus levou; cem de emigrantes franceses; vales da Tocha; cem de visitantes de Dafundo; mais visitantes; 150 e lembranças do nosso que é padrinho do Joãozinho; 117 de visitantes de S. Caetano; duzentos de visitante do Porto.

Peras levadas ao Lar; 1.170\$ que fomos buscar; duzentos de

visitantes de Monte Redondo; 500\$ em vale de Regueira de Pontes; 500\$ da Professora homenageada e 100\$ do aluno, de Mira; promessa que vieram trazer; 500\$ pelo aumento de ordenado; 100\$ na Sé Velha; cheque de 500\$ de Tomar; 600\$ de aumento de ordenado, do Tortosendo; 3.000\$ entregues a um vendedor; 2.000\$ de Galizes de quem os anos não arrefeceram a amizade; lembranças no casamento de mais um que veio de Moçambique casar nesta família que lhe foi berço.

Alegremo-nos todos no Senhor.

Padre Horácio

